



**A ORDEM E O CAOS: A MULHER ESCRITA EM *DEUS DE CAIM*
DE RICARDO GUILHERME DICKE E *CAIM* DE JOSÉ
SARAMAGO**

**THE ORDER AND THE CHAOS: THE WOMAN WRITTEN IN
DEUS DE CAIM BY RICARDO GUILHERME DICKE AND *CAIM*
BY JOSÉ SARAMAGO**

Elair de Carvalho¹

Recebimento do texto: 23/03/2016

Data de aceite: 30/04/2016

RESUMO: Este artigo propõe um estudo para compreender as representações do feminino nos romances *Deus de Caim* de Ricardo Guilherme Dicke e *Caim* de José Saramago, cuja investigação se insere no âmbito dos Estudos Comparados de Literatura, na medida em que se estabelecem semelhanças e diferenças entre os dois textos literários, dos países de Língua Oficial Portuguesa. Situam-se as leituras nas protagonistas, analisando a construção de um discurso que se revela na continuidade textual da transgressão, no confronto dos textos sagrados, na prática de resistência a esse mundo de preconceito e de submissão que se opõe às condições individuais e profundamente humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos comparados; Textos bíblicos; Personagem feminina; Transgressão; Resistência.

ABSTRACT: This article proposes a study to understand the feminine representations in the novels *Deus de Cain* by Ricardo Guilherme Dicke and *Caim* by José Saramago, which research is in the scope of Comparative Literature Studies, as we establish similarities and differences between the two literary texts, from countries with Portuguese as an official language. The reading is carried out on the protagonists, analyzing the construction of a discourse that reveals the textual continuity of transgression, in the confront of sacred texts, in practice of resistance to this world of prejudice and submission in which opposes the profound individual human conditions

KEYWORDS: Comparative studies; Biblical texts; Female Character; Transgression; Resistance.

¹ Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestre em Estudos Literários (USP).





Pensar o ser é escutar vozes de realizações autorais que deixam para si o que desejam para o outro, numa proposta de duplicação de si mesmo (HEIDEGGER).

O presente artigo propõe-se a definir como o ser feminino tem sido projetado de forma convergente e divergente nas produções escritas de Língua Portuguesa. Nesta pesquisa, consideramos dois países diferentes em suas culturas e distantes geograficamente, que delineiam, pelos discursos, reinvenções do feminino: falamos de Brasil e de Portugal. No Brasil, Ricardo Guilherme Dicke escreve *Deus de Caim*, e em Portugal José Saramago produz *Caim*. Procuraremos, pela aproximação e distanciamento das obras, observar de que maneira ambos os autores, pelas narrativas, reconstroem os discursos de seus tempos e lugares, conduzindo à problemática do Ser, que se olha no espelho, se depara com o abismo por não se ver e mostra a humanidade característica do tempo em processo, dimensionada pelo vazio, revelando uma nova dimensão condizente com a concepção moderna.

Desse modo, pretende-se estabelecer parâmetros comparativos que nortearão nossas percepções sobre o feminino, permitindo-nos perceber como as narrativas de autoria masculina contemporânea consideram a mulher na estrutura e acontecimentos externos, e ao mesmo tempo, expande para aberturas de (re)interpretação de identidades subjetivas, tendo em conta seus deslocamentos e avanços, pela metáfora da palavra transfigurada em arte. O corpus literário de Ricardo Guilherme Dicke e de José Saramago, bem como do Ser feminino, referendam hipóteses de ver na ambiguidade do ser fictício um retrato da figura humana na contemporaneidade.





Com efeito, a proposta da literatura comparada é observar as culturas a partir de um ponto de vista próprio, além das perspectivas geográficas, em busca da comparação no que é comum entre elas e o que é próprio em cada uma delas. Nesse modo, estudaremos as relações entre literatura e vida cultural, outras artes e seu público, conforme afirmam os autores.

A proposta de analisar a construção do feminino no percurso da ficção desses autores, partiu de um pressuposto mais abrangente: o das relações tensas entre o eu-feminino e o outro-masculino. Em outras palavras, o da crença de que o fazer ficcional, ao dialogar com o tempo, amplia o terreno de análise da cultura, enquanto tecido produtor de sentidos que reinventa, com seus meios próprios, os limites do referencial.

A opção pelo feminino, longe de ser uma escolha aleatória, mera coincidência assinalada, aponta Dicke e Saramago para um sentido mais radical do processo revolucionário, lá onde a questão ideológica ou política é ultrapassada para se chegar a rasurar um modelo cultural de raízes nitidamente machistas. Esse espaço conquistado pelas mulheres é, antes de tudo, um espaço textual, uma presença obsedante nos dois romances.

Entretanto, no decorrer das leituras de ambas as obras, verifica-se que é preciso conhecer as condições histórico-literárias em que foram escritas e, também o ser feminino questionado por ambas. Nesse sentido, as pesquisas caminharão em busca da imagem feminina na história literária, consagrada pela tradição e que em nossos tempos vem sendo questionada.

O feminino, em uma linha horizontal, correspondente às bases consagradas pela sociedade religiosa e patriarcal. Nela, observamos cortes verticais que correspondem aos questionamentos feitos pela mulher ao longo dos séculos. Como principal objetivo, este estudo pretende analisar,





em confronto, a construção das personagens femininas centrais nos romances, num percurso que segue do sociocultural ao socioexistencial.

Dentro do interesse atual pela problemática da mulher em processo de transformação, desde o século XX, devido às transformações ainda em curso nos processos da escrita da ficção – romance, conto, novela – este projeto de estudo pretende verificar nas obras escolhidas as mudanças vividas, não só no plano literário – o do atual em confronto com o tradicional –, mas também no plano ético-existencial – da imagem da mulher transgressora dessa mesma tradição. Sob essa ótica, buscaremos observar os textos a partir do universo local para atingir o universal, procurando verificar em que medida o texto ficcional articula a fala e tematiza a relação do eu-feminino com o outro.

Candido (2000) leva-nos a questionar até que medida a arte é expressão da sociedade e em que medida é interessada nos problemas sociais. Estabelece esta relação, do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público.

Enquanto Arte, Mato Grosso, possui na prosa a obra *Deus de Caim*, de Ricardo Guilherme Dicke, inscrita no Modernismo de 1960 e seus desdobramentos. Nela, encontra-se todo um universo constituído de destilações verbais, venenos, inventaria e brumas da relação Ser/sociedade, vida/morte, amor/dor, fantasia/frustração, carne/espírito, dilemas/sentido e percepção, moendas (interior)/engenhos (de almas atribuladas), tormentas pertinentes/insanidades comportamentais. Adere seu imaginário à combinação de misturas míticas, metáforas e eventos históricos. Revela um trágico existencial, e ao mesmo tempo explora uma alquimia verbal que faz comungar o monólogo interior, o psicológico e o factual, o real e o fantástico, num contínuo caleidoscópio de subjetividades. Nelly Novaes





Coelho (1999, p. 5) o considera uma obra em que “o homem [é] interrogante, aquele que sonda o vazio existencial [...] predominando a sondagem dos escuros do homem”.

No romance, as personagens Caim, Lázaro e Abel são entre sombreados com querelas, acontecimentos, traições e taras; a vida nua e crua a revelar sinais de pânico e disfarçando conflitos e neuras. Existe mais insanidade, loucura do que sensatez na vida, nas cargas dos ombros dos homens. O *Deus de Caim* interroga até sobre as palavras não ditas, dadas a compreender. O discurso politizado da enunciação na narrativa possibilita a voz feminina da protagonista Minira se fazer audível. O desejável focalizado nos sonhos, vontades, pequenos atos de rebeldia autoriza uma leitura densa e crescente do “eu” feminino buscando fazer-se ouvir. A denúncia da subalternidade feminina na sociedade realizada por Ricardo Guilherme Dicke confronta os lugares ofertados à mulher, seja o de esposa ou de amante. Em ambos, o feminino se constrói como objetos sem valor e com voz emudecida. A escrita de Dicke nos guia através da realidade social complexa do seu espaço, dos conflitos entre homens e mulheres na organização familiar e da construção do estatuto social da mulher.

A escrita do mato-grossense mergulha na tradição de um mito bíblico: a história ancestral de ódio entre os irmãos Abel e Caim. Complementa-se com os irmãos Jônatas e Lázaro, apaixonados por Minira. A protagonista participará de uma disputa de poder, pois é a causa desta. A palavra de Deus é posta em questão.

Já a literatura de Saramago atenta ao começo vertiginoso da vida, nega-se a determinar uma estrutura e constituição dos sentimentos humanos. Por isso que as protagonistas da narrativa Lilith e Eva se colocam à escuta, se veem a beira do abismo fundador e estão na encruzilhada sem ter





ninguém que as direcionem. A felicidade ou a exorbitância do nada, pelas tomadas de decisões, abulem as emoções e tomam primazia na investigação acerca do ser feminino disposto no romance.

Caim apresenta pistas que sugerem uma nova perspectiva de configurar, na palavra, as relações vividas pelas personagens femininas Eva e Lilith. O código religioso subvertido pela ideia herética das personagens seria uma característica nova como uma estratégia de configurar nas formas romanescas o espaço para fugir das características tradicionais impostas à personagem feminina. A consciência individual evocada faz da matéria bíblica um romance que desafia e escava fundo um dos grandes interditos que alicerçam a Civilização Cristã Ocidental e que no tempo de caos entra em dissolução: o interdito do sexo. Afirma o erótico como lei sacramentada, característica do novo perfil da modernidade. Seria uma maneira de questionar a própria verdade do discurso que impõe o código religioso.

Desse modo, colhe-se, através do olhar ao código religioso, a subversão pelas personagens e ainda aponta essa transmutação do código como uma estratégia de configurar, nas formas romanescas, o espaço para fugir das características tradicionais impostas à personagem feminina. A paródia do discurso anterior não é, evidentemente, inócua, se a lermos enquanto escrita necessária para rasurar a questão religiosa e seu poder através do erotismo, veiculadora da imagem de uma mulher esposa e mãe, como é o caso de Eva, para quem o prazer estava em questão, não mais a função reprodutora da qual ela não se aliena.

Ao evocar a necessidade de ir à fonte do passado e do presente, ilustra um percurso vitorioso que não se faz apenas no terreno político. Ao pôr em evidência mulheres como Eva, expulsa do paraíso, ou a mítica Lilith, transfigurada como a poderosa proprietária de escravos e rainha de uma





civilização, a escrita de Saramago passa à contrapartida da imagem tradicional e propõe, com os meios da ficção, um redimensionamento da questão do poder na sociedade. O escritor cria, nas imagens tecidas pelo discurso romanesco, um novo espaço para a emergência do ser feminino.

Lilith é a dona das vontades que seduz os escravos, é dona de um corpo que se oferece sem limites ao erotismo compartilhado e assumido, independentemente, da geração de um filho que não tem com o marido, num tempo de rígidas sanções que negavam à mulher o desejo e o gozo. Ao apaixonar-se por Caim, a união de dois corpos e da energia cósmica interna, cheia de vontades e desejos provocados pela imaginação, ascende e transforma o “amante” na “coisa amada”. Homens e mulheres revitalizados na completa e perfeita aderência.

Surge paralelamente no romance a outra mulher, Eva, que escolhe o espaço transgressor da heresia, advindo do radical grego *airésis*, de sentido ainda não contaminado pelos valores religiosos, mas traduzida tão somente como escolha, eleição, preferência. Isso porque escolhe sem temor o homem a que deseja, seduz o guarda arcanjo do paraíso e toma os frutos para sua sobrevivência.

Sob a rubrica de José Saramago, a ficção portuguesa contemporânea assinala, portanto, o lugar da mulher como produtora de sentidos novos para uma cultura que a calou, cerceou sua liberdade, frustrou sua realização amorosa. Ao desvendar esse percurso da liberdade, é também o espaço do feminino que se ergue.

Ambos os romances revivem o bíblico (o ódio entre os irmãos Caim e Abel em Saramago e a narrativa de Jônatas e Lázaro), colocando a nu o oculto, contínuo choque entre a natureza humana, as subjetividades e o discurso religioso. Entre as exigências da carne-incesto, adultério, morte,





sexo: a consciência de si a construir-se indeterminadamente como o homem de Heidegger que pressagia o conhecimento da subjetividade partindo do vazio. Heidegger (2001) propõe um olhar sobre-humano, além da simples filosofia, pelo seu sentido de Ser. O Ser em questão segundo o pensador, é indefinido e sempre incompleto, e ao mesmo tempo, autônomo e independente. Desta forma, pensar o ser em Heidegger é escutar a realidade de vozes de realizações autorais que deixam para si o que desejam para o outro, numa proposta de duplicação de si mesmo.

Desse modo, as personagens nas suas descontinuidades ganham contornos de aberturas observados numa escrita que considera o lado problemático da vida. Colocado o problema do valor humano face às diversas transformações em vias de se efetivar, tomamos as personagens femininas que na ausência de motivos para viver, abrem-se à problematização de estar no mundo. Algo gerador da crise da condição humana em meio ao mundo caotizado, feito de sombras e simulacros a compor a distância abissal entre original e cópia.

As personagens femininas desempenharão, no enredo, uma mediação entre o desejo e a realização do humano. Por viverem situações individuais profundamente humanas, elas apresentam valores universais.

Nessas obras ficcionais, brasileira e portuguesa, manifesta-se, como questão candente da contemporaneidade, o desejo de voo da mulher para o “vir-a-ser”. Nestes termos, realizaremos um trabalho de observação da condição social e cultural do feminino, analisando as diferentes maneiras desses modos se configurarem na ficção.

Este trabalho busca fazer uma investigação a partir da crítica do conceito atribuído pela narrativa tradicional à representação do ser feminino para chegar a um novo conceito. Temos por objetivo investigar, na





configuração estética, a representação e a resistência do feminino, buscando notar se as escritas narrativas refletem formas de resistência e de mudanças.

Abdala (1989) argumenta que o aspecto ideológico que compõe as narrativas recriam estratégias e modelizam as formas do imaginário político subvertendo a história tradicional. A *práxis* do homem não é a atividade prática oposta à teoria: é a determinação da existência humana como elaboração da realidade. A *práxis* é ativa, é atividade que se produz historicamente – quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente – unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, do sujeito e do objeto, do produto e da produtividade.

Nessa direção, a difícil tarefa de chegar às fontes faz o sopro motivador na reflexão sobre o assunto recorte. Com base que não são os acontecimentos externos que devem ser reproduzidos na imagem narrativa, mas o processo de consciência e discursos que circulam nas produções literárias, leva-se a pesquisar nas obras as imagens que aludem à construção de um discurso que revela, na continuidade textual, diálogo que ora aproxima, ora reescreve, bem como a transgressão, na prática de resistência a esse mundo de preconceito e de submissão que se opõe às condições individuais e profundamente humanas.

Desse modo, estudaremos as relações entre literatura e vida cultural, outras artes e seu público, conforme afirmam os autores:

Para um trabalho de Literatura Comparada, ora-se admite também, [...] o estudo das relações entre a literatura, de um lado, e, de outro, as outras áreas de saber e de crença, tais como as artes, a filosofia, a história, as ciências sociais, a ciência, a religião, etc. (WELLEK apud CARVALHAL, 1994, p. 34).

Para resultar, então, ao estudo do texto literário como uma rede imbricada em elos, em que o diálogo com as várias vertentes teóricas se





ocupam de compreender o ser feminino priorizando o encontro e a diferença. Trata-se de examinar comparativamente textos de autoria masculina compondo a imagem do ser feminino no quadro das literaturas de Língua Portuguesa, com sensibilidades diferenciadas em que as habitantes das narrativas negam antes de serem abaladas nas suas certezas. Criadas a partir de sociedades periféricas, como Brasil (Mato Grosso) ou semiperiféricas como Portugal, suas escritas apontam o conflito cultural que se fez forte, evidenciando as mudanças vividas, não só no plano literário – o do atual em confronto com o tradicional – mas também no plano ético-existencial da imagem de mulher transgressora dessa mesma tradição. A ênfase na abordagem de gênero e nos aspectos do cotidiano feminino, considera que as pesquisas sobre a mulher possuem relevância para os países colocados à margem, pois existe um incômodo em relação aos estudos sobre como o feminino se define e se identifica. Diante do exposto, situa-se as leituras nas personagens femininas das narrativas, especialmente as protagonistas, no intuito de acompanhar como suas trajetórias de objetos à sujeitos que contestam a visão dominante sobre a mulher com graus diversos de contestação do *status quo* político, econômico e social, bem como incluem o confronto aberto às instituições patriarcais para subvertê-las internamente por meio de um subtexto paródico e irônico.

Nessa direção, além da subversão às instituições religiosas e patriarcais, as recriações da mulher são revistas de forma, primeiramente, juntar os polos de submissão e contestação como instâncias do feminino e, num segundo momento, ampliar os horizontes das representações da mulher para incluir variadas experiências que fundamentam e promovem as subjetividades do feminino, com ângulos de reflexos múltiplos em que se frisam a consciência histórica da diferença.





Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política**. São Paulo: Ática, 1989.

Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1995.

BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 2000.

_____. **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____. **A Personagem de Ficção**. 9ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

CARVALHAL, Franco Tânia; COUTINHO, F. Eduardo. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva. 7ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Deus de Caim**. 2ed. Cuiabá: Gráfica Sereia, 2006.

A Bíblia Explicada: uma visão geral da Bíblia com explicação dos textos centrais. Tradução de Paulo Enio Giachini. Petrópolis- RJ: Vozes, 1999.





GOMES, Álvaro Cardoso. **A Voz Itinerante**: ensaio sobre o romance português contemporâneo. São Paulo: Edusp, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**: Parte I e II. 9ed. São Paulo: Vozes, 2001.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOPONDO, Lílian (Org.). **Saramago Segundo Terceiros**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. 34ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PAIVA, Vera. **Evas, Marias, Liliths...as voltas do feminino**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2003.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. Coimbra: Almedina, 1995.

SANTILLI, M. A. **Arte e representação da realidade no romance português contemporâneo**. São Paulo: Quíron, 1979.

SARAMAGO, José. **Caim**. 5ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **José Saramago**: Entre a história e a ficção. Coimbra: Universitas, 1998.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da (Org.). **Diálogos Literários**: Literatura, Comparativismo e Ensino. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

_____. **Projeção de mitos e construção histórica no teatro trágico**. Campinas: Editora RG, 2008.

XAVIER, Elódia Carvalho de Formiga. **Tudo no Feminino**: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

